Além das rimas: uma breve análise sociológica da vida e obra do músico alagoano Jacinto Silva

Charles Santos*

Resumo

O presente artigo procura fazer uma análise sociológica da vida e obra do músico alagoano Jacinto Silva (1933-2001). De acordo com pressupostos da sociologia disposicional, sobretudo os que podem ser notados na obra do sociólogo francês Bernard Lahire, o indivíduo traz em si uma série de elementos que denunciam seu pertencimento a um determinado grupo social. Com base nisso, será investigado de que modo os pertencimentos do indivíduo Jacinto Silva tornaram possível sua carreira artística.

Palavras-chave: Jacinto Silva; Socialização; Disposição.

Abstract

This paper tries to make a sociological analysis of the life and work of the musician from Alagoas Jacinto Silva (1933-2001). According to the premises of the sociology of disposition, especially those that can to be noted in the work of French sociologist Bernard Lahire, the individual carries a series of elements that denounce their membership in a particular social group. On this basis, it will be seen how the belongings of Jacinto Silva made possible his artistic career.

Key words: Jacinto Silva; Socialization; Disposition.

* **CHARLES SANTOS** é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

1. Introdução

Jacinto Silva (1933-2001)

Conforme Saussure (*apud* LAHIRE, 2008), não é o objeto que espera docilmente pelo ponto de vista científico que virá desvendá-lo; ao contrário, é o ponto de vista que cria o objeto. Nessa perspectiva, é possível se trabalhar com a idéia de que a vida e a produção artística do indivíduo Jacinto Silva constituem um importante objeto de investigação para a Sociologia, dado que aquelas podem ser vistas como o "produto complexo de múltiplos processos de socialização" (*idem*, p. 375). O objetivo desse estudo, portanto, consiste em captar os elementos de ordem sócio-cultural que incidem e se fazem presentes na obra do referido artista.

As experiências socializadoras exercem substancial influência na formação do sujeito. Partindo de algumas proposições teóricas de Bernard Lahire, pode-se afirmar que tanto as habilidades[1] quanto as características pessoais[2] do indivíduo Jacinto Silva são na verdade constructos possíveis a partir das várias experiências socializadoras deste. Foram os seus "pertencimentos" que lhe possibilitaram uma gama de habilidades e competências, pois como o próprio Lahire afirma,

> cada indivíduo atravessou no passado – e o faz permanentemente – múltiplos contextos sociais (universos, instituições, grupos, situações etc.); ele é o fruto (e o portador) de todas as experiências (nem sempre compatíveis, nem sempre acumulativas e, às vezes, altamente contraditórias) vividas nesses múltiplos contextos (LAHIRE, 2008, p. 376).

O trajeto de vida de Jacinto Silva pode ajudar a compreender mais a fundo tanto aquilo que era visível a um público mais específico – o público consumidor de bens culturais – (as

[1] Luiz Gonzaga, um ícone da cultura nordestina e músico reconhecido tanto no Brasil quanto em outros países, fez a seguinte declaração a respeito de Jacinto Silva: "Gosto muito de ouvir Jacinto cantar. Ele canta muito rápido, mas pronuncia as palavras de um jeito muito claro" (*apud* OLIVEIRA, 2010). O amigo e também produtor musical mais conhecido por Zé da Flauta se junta a Luiz Gonzaga: "Jacinto Silva é um dos maiores cantores e compositores de forró que já vi na vida. Sua maneira de fazer letras arrojadas, lubrificadas e ritmadas, brincando com o canto e fazendo divisões, é a sua característica. Jacinto é inconfundível, é o *gênio do forró*, *além de uma pessoa simples e maravilhosa como sua música*. Um forró com Jacinto Silva faz qualquer salão pegar fogo e só não dança quem não quer" (*idem*; Grifos do autor).

[2] Silvério Pessoa, artista e amigo próximo de Jacinto Silva revela mais alguns traços da vida e da obra do "cantador" alagoano: "O cantador, a noite, triângulo, pandeiro, zabumba, ganzá e sanfona, esta é a nossa festa! Alimentando o peito de pura beleza, a voz das cantigas chega através da *humildade* e da maestria do cumpadre Jacinto Silva, e o terreiro se ilumina de cores, síncopes, histórias de vaqueiros, quadrão, forró, e a dança começa! *O carinho pelo trabalho, a verdade que vem da sua voz, inunda os canaviais e o roçado*. A cidade acorda, escutando sua versatilidade interpretativa, sua melodia, sua cantoria. Cantam os bois, açudes, as estrelas, e nós, quando escutamos a música e o ritmo do mestre Jacinto Silva" (*ibidem*; Grifos do autor).

habilidades do artista[3], as técnicas aplicadas em suas composições) como também certas características de sua personalidade, espaço melhor explorado pelos "íntimos"[4].

2. O artista e seu "mundo"

Jacinto Silva: assim ficou conhecido o alagoano Sebastião Jacinto Silva, natural da cidade de Palmeira dos Índios. Nascido no dia 23 de Outubro de 1933, foi uma pessoa com uma trajetória de vida bastante peculiar. De família pobre, desde cedo teve que trabalhar para ajudar aos seus. Por conta da necessidade de trabalhar e devido ao seu envolvimento em "brincadeiras", Jacinto Silva logo deixou de frequentar a escola. (JOSÉ, 2010). O artista

> foi criado ouvindo os cantadores de coco, violeiros, mestres de reisados, guerreiros, cantadores de sentinela e terço. Ainda pré-adolescente, influenciado por Jackson do Pandeiro e Ary Lobo, começou a cantar embolada, coco-de-roda e forró, acompanhado por um conjunto regional (JOSÉ, 2010).

Como é possível perceber, entre os 8 e 9 anos de idade Jacinto Silva já fazia parte de um grupo musical e com este se apresentava nas feiras da região de Palmeira dos Índios. A feira, como um local de comércio, oferece uma maior variedade e quantidade de produtos a um preço mais acessível do que aquele cobrado pelo comércio estabelecido (HEREDIA, 1988, p. 103). Isso por si só já dá algumas explicações para o fato das feiras serem tão freqüentadas, entretanto, além de ser um lugar de compra e venda de produtos a um preço reduzido, a feira também é local de encontro, de consolidação das relações sociais (PIAULT *apud* HEREDIA, 1988, p. 104). Dessa forma, as pessoas a ela se dirigem não só com o intuito de comprar e vender, mas também para se confraternizarem e se divertirem. Com isso, alguns "artistas da terra" e outros provenientes de cidades e/ou Estados distantes "fazem a feira[5]" de modo diferente: mostram seu talento, sua arte aos freqüentadores da feira e recebem destes (não todas as vezes, é claro) uma certa quantia. Em alguns casos a apresentação tem como objetivo maior a demonstração de uma habilidade, à espera de que o talento seja valorizado e até mesmo apoiado por alguém (empresário, caça-talentos etc.); em outros, a apresentação vem acompanhada da venda de produtos do artista (CDs, camisas, instrumentos musicais etc.), oficio que ou é desempenhado pelo próprio ou por amigos e/ou familiares.

A prática de Jacinto Silva nas feiras da região foi, portanto, um elemento que

[3] Luiz Gonzaga mostra-se um admirador da sua capacidade de cantar rápido e mesmo assim articular bem o som das palavras (*ibidem*).

[4] Zé da Flauta, talvez por ser mais próximo de Jacinto Silva, mostra a sua admiração pelo potencial artístico do músico alagoano, o qual ele chama "gênio do forró", mas também ressalta certos aspectos de sua personalidade ("uma pessoa simples e maravilhosa). Silvério Pessoa, que ainda chegou a trabalhar com o "mestre Jacinto Silva", destaca, como o fez Zé da Flauta, outros pontos marcantes daquela pessoa ("humildade", "carinho", "verdade") (*ibidem*).

[5] De acordo com Heredia (1988), "fazer a feira" significa adquirir aqueles bens que serão consumidos no decorrer da semana. A pessoa pode "fazer a feira na feira" ou em outro lugar, como um supermercado. Os artistas, nesse caso, nem vão vender ("vender na feira") – salvo poucas exceções – e nem vão "fazer a feira" – em alguns casos a aquisição de bens na feira é, por parte dos artistas, uma atividade secundária. Ao fazerem a feira de "modo diferente", os artistas mostram seu talento e aceitam de bom grado o dinheiro que o público oferece. Não há ai uma relação de compra e venda nos moldes comuns, pois o artista não exige um preço determinado pela execução de uma música ou por uma performance corporal.

trouxe um duplo benefício: por um lado teve seu talento "amadurecido" e conhecido tanto pelos freqüentadores usuais como pelos artistas; por outro teve certa contrapartida financeira. Tomando a citação de Luciano José (2010), pode-se afirmar que Jacinto Silva não freqüentou as feiras e festas apenas como "artista emergente", mas também como parte de um público diferenciado, qual seja, aquele composto por pessoas desejosas de aprender, partilhar experiências, solicitar informações. O próprio Jacinto Silva revela isso quando em uma entrevista foi-lhe solicitado falar do "coco sincopado", estilo musical que ele ajudou a criar, também conhecido como "trava-língua":

> Esse nome trava-língua foi extraído das cantorias, mais precisamente daquelas em que os repentistas procuram complicar a vida dos desafiantes, através de rimas raríssimas e estruturas poéticas complicadas, como a sextilha. Tenho grande convivência com os cantadores, aos quais sempre mostro as minhas músicas, até mesmo pra ouvir as suas opiniões (Entrevista de Jacinto Silva *in*: OLIVEIRA, 2010).

A afirmação de que Jacinto Silva é um "gênio do forró" (*idem*) encontra na citação anterior e também nos parágrafos precedentes deste tópico a sua "base terrena". O indivíduo Jacinto Silva foi antes de tudo um "discípulo" – é assim que ele se coloca diante de seus "mestres" Jackson do Pandeiro e Ary Lobo –, homem chegado a conversas e pelejas com repentistas, cantadores de coco[6] e demais artistas. Ele foi o fruto e o portador das experiências vividas nesses contextos (LAHIRE, 2008). Como parte de um público diferenciado pôde receber o estímulo e os rudimentos técnicos para uma carreira artística. Já como "artista emergente" pôde aperfeiçoar-se a partir de uma prática constante sua, a saber, a de mostrar suas músicas e ouvir as opiniões dos outros artistas.

O que tem sido feito até aqui é uma tentativa de "reconstituir a gênese das disposições" (*idem*, p. 377) apresentadas por Jacinto Silva. Bernard Lahire afirma que esse itinerário é essencial para se conhecer a fundo uma disposição ou as disposições. Por disposição deve-se compreender uma "realidade construída", a qual nunca é observada diretamente. Para Lahire,

> falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc. Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. Ao mesmo tempo, essas práticas são constituídas como tantos outros indicadores da disposição (2004, p. 27).

Ainda de acordo com Lahire, é preciso compreender como as experiências socializadoras do passado se converteram em maneiras mais ou menos duráveis de ver, sentir e agir, ou seja, em características disposicionais: "[...] propensões, inclinações, hábitos, tendências, persistentes maneiras de ser [...]" (*idem*). Com isso, a obra de Jacinto

[6] O coco é uma dança típica conhecida no **N**orte e Nordeste do Brasil. Tem influências dos bailados indígenas dos Tupis bem como dos negros com seus batuques africanos. Os principais instrumentos musicais são os de percussão: bombos, ganzá, zabumbas, cuícas, pandeiros e caracaxás. O ritmo do coco influenciou alguns músicos conhecidos, a exemplo de Chico Science e Alceu Valença. O "coco sincopado", bastante divulgado por Jacinto Silva, é uma das variações do coco, entre as quais ainda se encontram o "pagode" e o "balamento", entre outros (GASPAR, 2009).

Silva só foi possível graças às tantas experiências socializadoras que o levaram a: 1º) tornar-se parte de um público diferenciado, motivado pela arte com a qual teve contato e desejoso de aprender com aqueles que a executavam; 2º) tornar-se um "artista emergente" que conservou uma "maneira de ser" – um "hábito" – valorizada por ele até a morte, qual seja, o de ouvir as opiniões dos "mestres".

3. O "carinho pelo trabalho" e os reflexos deste na obra do artista

De "artista emergente" Jacinto Silva passou a ser um dos destaques na música nordestina de seu tempo. Luciano José afirma que o "cantador" passou a fazer parte de caravanas de artistas, as quais iam de cidade em cidade animando festas e encontros[7] (2010). Jacinto Silva já começava a despontar nesse período como um artista criativo e versátil, capaz de misturar ritmos e compor músicas que pareciam improvisos de repentistas[8], os quais remontam àqueles ouvidos quando pré-adolescente nas feiras da região de Palmeira dos Índios.

Ainda segundo Luciano José, Jacinto Silva abandonou a atividade de fabricante de mosaico para se dedicar à sua vida artística (*idem*). Nessa época ele já era casado com Marina Ferreira da Silva, sua primeira esposa, com quem teve 5 filhas. Também nesse período[9] ele já havia ido morar em Caruaru, interior de Pernambuco. Chama a atenção nessas informações o fato de Jacinto Silva executar essa "mudança de aptidões". A literatura disponível afirma que ele exerceu a profissão de fabricante de mosaico pela última vez em 1960, depois disso passou a dar mais atenção à sua arte.

Mesmo deixando de lado esse oficio – que com certeza não foi o único que ele exerceu durante sua vida –, Jacinto Silva marcará sua obra com a constante menção ao "mundo do trabalho". Quem ouve as músicas desse artista tem a impressão de que ele exerceu diversas profissões, tamanha a sapiência com que fala das atividades. Em relação a algumas há indícios de que ele de fato as executou, entretanto, a certeza de que ele chegou a trabalhar em outras só virá a partir de um estudo mais aprofundado de sua vida[10].

O que o levou então a tornar sua obra tão próxima da sua prática laboral e do âmbito do trabalho como um todo? Ele não poderia seguir o caminho mais exitoso de cantar as coisas distantes desse universo? Como escrito acima, pode-se afirmar que uma das grandes

[7] Segundo José (2010), as caravanas lotavam praças, clubes, cinemas e ginásios esportivos nas cidades pelas quais passavam.

[8] Um exemplo é a música "Coco do M", composição de Jacinto Silva e Zé do Brejo. A letra traz uma estrutura poética complicada, como aponta o seu refrão: "*Mané mandou, Maria, Mateus / Murilo mandou o meu martelo no meia má / Quando eu canto esse coco / A minha língua treme / Quem fizer outro coco em M / Eu amarro e mando matar*" (PESSOA & SILVA, 2000).

[9] O casamento com Marina data de 1951, já o ano em que resolveu fixar residência em Caruaru foi 1957 (JOSÉ, 2010).

[10] A música "Plantação", composta por ele e Janduhy Finizola foi escrita, segundo Maciel Melo, a partir das lembranças que Jacinto Silva tinha de seus tempos de agricultor em Caruaru/PE (VÁRIOS ARTISTAS, 2010). Já na música "Bate o Mancá", regravada por seu amigo e seguidor Silvério Pessoa, há trechos de uma entrevista na qual Jacinto Silva mostra-se inteirado das atividades do carreiro (pessoa que faz os carros puxados pelos bois) (PESSOA & SILVA, 2000); não foi possível descobrir se o artista também exerceu essa atividade ou se a referência a esta é mais um dos resultados de sua primorosa capacidade de observação do mundo ao seu redor. Uma coisa é certa: a referência ao trabalho é uma constante na obra de Jacinto Silva.

características da música de Jacinto é a recorrência constante a temas do trabalho. Ele não se refere a este de modo pejorativo, não usa o recurso da depreciação – ao menos em relação aos ofícios que cita em suas canções e entrevistas. Um aspecto curioso nesse sentido é o contraste que há entre a referência ao trabalho na obra de Jacinto Silva e aquela feita por músicos ligados ao forró atual. Se em Jacinto Silva a menção busca descrever e mostrar o *know-how* daquele que pratica o ofício, em alguns músicos atuais a menção toma como mote situações de fuga do trabalho.

Uma das respostas possíveis às questões expostas no início do parágrafo anterior é o fato de desde cedo Jacinto Silva ter passado por experiências socializadoras que o fizeram tomar a arte e o trabalho como elementos próximos. Se as suas apresentações nas feiras e festas possibilitavam um amadurecimento de seu "talento", por outro lado traziam algum dinheiro, que ele, ainda menino pobre do interior alagoano, aceitava com satisfação. Um homem que tem "carinho pelo trabalho", assim o descreveu Silvério Pessoa (*apud* OLIVEIRA, 2010). E o trabalho ai pode ser tanto o de fabricante de mosaicos (entre outros) como o de cantador de coco. É possível imaginar Jacinto cantando seus cocos enquanto fabrica o mosaico, e até mesmo imaginá-lo cantando de forma rápida e única um coco sobre a fabricação daquele produto. A referência ao trabalho na música é uma constante entre os mais antigos[11]; e retomando mais uma vez Lahire (2008), Jacinto Silva é um "portador" das experiências vividas naquele contexto.

[11] Cantar enquanto se trabalha é um costume muito antigo. E da mesma forma cantar o que se trabalha. Uma pesquisa sobre o assunto traria à tona vários cantos com essa característica.

4. Considerações finais

O "mestre" Jacinto Silva ainda casou-se mais uma vez. Após separar-se de sua primeira esposa, o "cantador" passou a viver com Maria Lieta, com quem teve 6 filhos (JOSÉ, 2010). Ainda em vida recebeu homenagens e viajou pelo exterior divulgando a cultura nordestina. Sua trajetória, longe de estar desvencilhada de rupturas, quedas e contradições, apresenta uma grande complexidade. Infelizmente não foi tratado aqui de alguns aspectos que compõem essa teia complexa que foi a vida do artista alagoano Jacinto Silva.

Foi buscado, isto sim, empreender um exercício bastante solícito proposto pelo sociólogo francês Bernard Lahire, segundo o qual "[...] para atribuir razão à singularidade de um caso, é preciso compreender os processos gerais dos quais esse caso não é mais que o produto complexo" (LAHIRE, 2008, p. 385). É bem verdade que não foi aqui tratado de esferas de grande importância para se compreender os "processos gerais" relacionados com a vida de Jacinto Silva, entretanto, o presente artigo é apenas um dos primeiros passos na análise da vida e da obra do mencionado artista.

Por outro lado, a razão de ser de algumas habilidades e também características pessoais de Jacinto foi aqui aventada. Para entendê-las foi necessário "buscar a gênese" de algumas disposições e competências na trajetória do "mestre". Falar que sua música é tão humilde e maravilhosa quanto a sua própria pessoa é sugerir que arte e trabalho sempre foram temas constantes nos espaços socializadores freqüentados e vividos por ele. É sugerir também que sua arte foi vivida

como estímulo, incentivo plausível para uma vida difícil, mas repleta de coisas bonitas para se cantar. Jacinto Silva morreu em 2001, na cidade de Caruaru/PE, aos 67 anos. Sua música, porém, continua despertando o interesse de leigos e eruditos.

Referências

GASPAR, L. Coco (dança). *Pesquisa Escolar On-Line*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 20/06/2010.

HEREDIA, B. M. A. *Formas De Dominação e Espaço Social*: A Modernização Da Agroindústria Canavieira Em Alagoas. São Paulo: Marco Zero; [Brasília, DF]: MTC/CNPq, 1988.

JOSÉ, L. *Jacinto Silva:* No Coração Da Gente. 2010. Disponível em: http://www.tribunadosertao.com.br/memoria.asp?id=10101. Acesso em 23/06/2010.

LAHIRE, B. Esboço do Programa Científico de uma Sociologia Psicológica in: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 378-389, mai/ago. 2008.

_____. *Retratos Sociológicos:* Disposições e Variações Individuais. Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, G. *O Desmantelo Que Constrói*. 2010. Disponível em: http://www.terra.com.br/manguenius/bandas/frme-chamada-jacintosilva.htm. Acesso em 23/06/2010.

PESSOA, S.; SILVA, J. *Bate o Mancá:* O Povo Dos Canaviais. Rio de Janeiro: Natasha Records, 2000; 1 CD (57 min. 46 seg.).

VÁRIOS ARTISTAS. *Jacinto Silva:* No Coração Da Gente. Recife: Candeeiro Records, 2010; 1 CD (53 min. 55 seg.).

WEBER, M. *Ensaios de Sociologia.* 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

ANEXO

Trechos Da Conversa Com Silvério Pessoa

Sobre o trabalho do carreiro:

"Por que aonde a gente... aonde se bate o mancá é justamente quando estão fabricando o carro de boi. Que o mancá é justamente aquela peça que segura o eixo..." (Extraído de "Bate o Mancá: O Povo Dos Canaviais", Pessoa & Silva, Faixa 1, 2000).

Sobre o cambiteiro:

"O cambiteiro já é diferente. O cambiteiro é o homem que sai cambitando cana. Ele vai para os canaviais com aqueles burros, aqueles jumentos, aqueles jegues, que eles falam (sic), *não é? Vai prá lá e pega aquelas canas e faz a carga e de lá eles levam prá usina"* (Extraído de "Bate O Mancá: O Povo Dos Canaviais", Pessoa & Silva, Faixa 5, 2000).

(O gênio do forró) Sobre as modalidades do forró:

"Forró é simplicidade, é poeira, sanfona, zabumba, triângulo. Forró, que é que é forró? Uma seqüência de ritmos nordestinos: xaxado, coco-de-roda, marcha-de-roda, baião, o xote. Esses ritmos e outros ritmos que agora no momento eu não lembro, isso significa forró" (Extraído de "Bate O Mancá: O Povo Dos Canaviais", Pessoa & Silva, Faixa 4, 2000).

Sobre o coco:

"O coco existe de várias modalidades. Por que o coco legítimo, o coco de raiz é... são dois cantadores de coco, um com o ganzá... na minha época não era pandeiro, era um ganzá, grande, daqueles ganzá ignorância (sic), *metesse num era caco de ganzá prá todo lado"* (Extraído de "Bate O Mancá: O Povo Dos Canaviais", Pessoa & Silva, Faixa 11, 2000).